

OS IMPACTOS DA COVID-19 NAS VIAGENS DE TURISTAS BRASILEIROS: CONJUNTURA E PERSPECTIVAS NA ECLOSÃO E NA EXPANSÃO DA PANDEMIA NO BRASIL

THE IMPACTS OF COVID-19 ON THE TRAVEL OF BRAZILIAN TOURISTS: CONJUNCTURE AND PERSPECTIVES IN THE OUTBREAK AND EXPANSION OF THE PANDEMIC IN BRAZIL

LOS IMPACTOS DE COVID-19 EN LOS VIAJES DE LOS TURISTAS BRASILEÑOS: COYUNTURA Y PERSPECTIVAS EN EL BROTE Y EXPANSIÓN DE LA PANDEMIA EN BRASIL

CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES¹

ISABELE DE SOUZA CARVALHO¹

WELLYNGTON FERNANDO LEONEL DE SOUZA¹

MARCOS LUIZ FILIPPIM¹

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, MATINHOS, PARANÁ, BRASIL

DATA DE SUBMISSÃO: 05/05/2020 – DATA DE ACEITE: 06/06/2020

RESUMO: A Organização Mundial da Saúde declarou em 2020 estado pandêmico relacionado à Covid-19 (sigla em inglês para Doença do Coronavírus 2019). O estudo descreve características da epidemia e sumariza projeções de organismos internacionais acerca de seus impactos sobre o setor de turismo e viagens. O objetivo consiste em mensurar impactos da pandemia sobre as viagens e o turismo na perspectiva dos consumidores brasileiros que estavam viajando ou pretendiam viajar à época da expansão da doença. São objetivos específicos: Identificar impactos sobre as viagens em curso ou programadas; Descrever como turistas brasileiros avaliam as medidas e as políticas públicas para mitigação dos impactos no turismo; Identificar a perspectiva dos respondentes em relação à prática do turismo e viagens no período posterior ao surto. A metodologia tem natureza de pesquisa exploratória e abordagem quantitativa, com delineamento de websurvey aplicado em abril/2020. Os resultados apontam que 69,51% dos respondentes foram diretamente impactados pela pandemia, com altos níveis de interferência, resultando no adiamento das viagens. Os participantes apoiam medidas de isolamento social, percebem impactos no turismo e avaliam que só será seguro voltar a viajar em período superior a seis meses. Estima-se que, com o término da pandemia, o turismo poderá contribuir com a recuperação socioeconômica.

Christopher Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.
E-mail: smithbig@hotmail.com. Orcid: 0000-0002-5029-6968.

Isabele Mestranda em Turismo pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail:
souzabele28@gmail.com. Orcid: 0000-0003-3938-1472.

Wellyngton Graduando em Gestão de Turismo pela Universidade Federal do Paraná, Matinhos, Paraná,
Brasil. E-mail: wellyngtonfernando@yahoo.com.br. Orcid: 0000-0001-9579-5667.

Marcos Professor da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos, Paraná, Brasil. Doutor
em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: marcoslupim@yahoo.
com.br. Orcid: 0000-0002-4813-3676.



PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; Coronavírus; Turismo e pandemias; Turismo e epidemias.

ABSTRACT: The World Health Organization (WHO) declared, in 2020, a state of pandemic related to COVID-19 (Coronavirus Disease 2019). This study describes the characteristics of the epidemic and summarizes its forecast impacts on the tourism and travel sector, according to international organizations. The objective is to measure the impacts of the pandemic on travel and tourism, from the perspective of Brazilian consumers who were traveling, or intending to travel during the time of the spread of the disease. The specific objectives are: To identify impacts on current or scheduled trips; to describe how Brazilian tourists evaluate public measures and policies to mitigate the impacts on tourism; and to identify the perspective of respondents in relation to the practice of tourism and travel in the period after the outbreak. The methodology used was exploratory research, and a quantitative approach was used, with a websurvey design applied in April 2020. The results indicate that 69.51% of the respondents were directly impacted by the pandemic, with high levels of interference, resulting in them having to postpone their planned trips. The Participants supported social distancing measures, perceived that the pandemic had impacted on tourism, and took the view that it will only be safe to return to travel after more than six months. It is estimated that at the end of the pandemic, tourism may contribute to socioeconomic recovery.

KEYWORDS: COVID-19; Coronavirus; Tourism and pandemics; Tourism and epidemics.

RESUMEN: La Organización Mundial de la Salud (OMS) declaró en 2020 un estado pandémico relacionado con COVID-19 (acrónimo en inglés para la Enfermedad del Coronavirus 2019). Este estudio describe las características de la epidemia y resume las proyecciones de las organizaciones internacionales sobre sus impactos en el sector del turismo y los viajes. El objetivo es medir los impactos de la pandemia en los viajes y el turismo, desde la perspectiva de los consumidores brasileños que viajaban, o con la intención de viajar en el momento de la propagación de la enfermedad. Los objetivos específicos son: Identificar los impactos en los viajes actuales o programados; Describir cómo los turistas brasileños evalúan las medidas y políticas públicas para mitigar los impactos en el turismo; Identificar la perspectiva de los encuestados en relación con la práctica del turismo y los viajes en el período posterior al brote. La metodología utilizada fue un enfoque de investigación exploratoria y cuantitativo, con un diseño de websurvey aplicado en abril/2020. Los resultados indican que el 69,51% de los encuestados se vieron directamente afectados por la pandemia, con altos niveles de interferencia, lo que dio lugar al aplazamiento de los viajes. Los participantes apoyaron las medidas de distanciamiento social y percibieron los impactos en el turismo y evaluaron que sólo será seguro volver a viajar después de más de seis meses. Se estima que con el fin de la pandemia, el turismo pueda contribuir a la recuperación socioeconómica.

PALABRAS CLAVE: COVID-19; Coronavirus; Turismo y pandemias; Turismo y epidemias.

INTRODUÇÃO

Durante séculos, a sociedade se deparou com inúmeros problemas ambientais que estavam além de seu controle, dentre os quais se encontram as pandemias virais, que causam uma desordem significativa em diferentes dimensões da vida humana, com desdobramentos nas esferas social, econômica e cultural, entre outras (Saunders-Hastings & Krewski, 2016).

Nos dias de hoje, esses desastres naturais eclodem progressivamente e afetam, de forma direta, esferas distintas, como o turismo: uma das atividades econômicas e sociais mais relevantes na contemporaneidade, tendo em vista que muitos países estão usando viagens e turismo como uma ferramenta prioritária para o desenvolvimento (World Tourism Organization [UNWTO], 2010). O surto da doença, causada por um novo coronavírus do tipo SARS-CoV-2, que surgiu na cidade de Wuhan, localizada na China, se espalhou mundialmente e representa uma grande ameaça à saúde pública global, sendo de suma importância determinar como impedir sua disseminação (Ruan et al., 2020). A Organização Mundial da Saúde [OMS] adotou a sigla Covid-19, que deriva da abreviação de “COrona Vlrus Disease (Doença do Coronavírus) enquanto ‘19’ se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês” (Fundação Oswaldo Cruz [FIOCRUZ], 2020).

A OMS declarou, no dia 27 de fevereiro de 2020, estado de emergência de saúde pública de interesse internacional em relação à Covid-19, medida que interferiu substancialmente no tráfego internacional de viagens para diversos países (World Health Organization [WHO], 2020a). Posteriormente, no dia 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da OMS, declarou se tratar de uma pandemia mundial, frisando que nunca antes havia presenciado evento dessa magnitude em decorrência de um coronavírus (WHO, 2020b). No Brasil, foram decretadas medidas restritivas no dia 20 de março de 2020, por meio do Decreto Legislativo nº 6 (Câmara do Deputados, 2020), sendo considerado então um país em estado de calamidade pública. Apesar deste novo coronavírus estar (durante a realização da pesquisa) em seu estágio inicial de impactos, entidades como a Organização Mundial do Turismo [OMT], a Organização Mundial da Saúde [OMS], a Organização das Nações Unidas [ONU], o Fórum Econômico Mundial e outras organizações elaboraram rapidamente projeções e estudos, com vista a mensurar os expressivos danos econômicos de diversos países, não restritos àqueles com atividades turísticas mais desenvolvidas.

Este estudo buscou compilar sucintamente um conjunto de publicações de organismos internacionais de variados setores, com o propósito de quantificar e registrar os impactos iniciais decorrentes da pandemia de coronavírus no mundo e se apoiou também na literatura acadêmica acerca da relação entre o campo das viagens e do turismo e a ocorrência de doenças infecciosas. Não obstante, em sua dimensão empírica, o trabalho contemplou uma pesquisa do tipo websurvey, cujo instrumento de coleta de dados foi aplicado no mês de abril de 2020. A estratégia de divulgação utilizou-se de diversas redes sociais, de forma a perscrutar a perspectiva de turistas do Brasil acerca dos impactos da proliferação da Covid-19 sobre a prática de viagens e turismo, contribuindo para o conhecimento científico da área.

Os surtos virais consistem em crises ambientais cíclicas, que se repetem de tempos em tempos e afetam em maior ou menor proporção o desenvolvimento do turismo, não apenas quando o avanço dos danos causados pela doença se torna mais significativo, mas principalmente por sua imprevisibilidade. Casos como o surto da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) destacam a vulnerabilidade e a volatilidade do setor (Sausmarez, 2007).



Para Saunders-Hastings e Krewski (2016), a globalização permitiu que esses fatores que surgem na pandemia aumentassem sua potencialidade devido ao alto fluxo de pessoas transitando pelo mundo, ao contraponto que a mesma proporcionou que houvesse um diálogo entre as nações, facilitando assim a cooperação em pesquisas na saúde e na resposta de vigilância epidemiológica. Verdinelli (2002, p. 23) atenta que “outra preocupação crescente na área da saúde tem sido a expansão das fronteiras dos vetores de doenças como a dengue e a malária”, afirmação consoante com Bahl (2004), de que doenças dessa natureza podem vir a representar riscos semelhantes no âmbito do turismo, como efetivamente se observa no caso relacionado à Covid-19.

Assim sendo, esse fenômeno pode ocorrer novamente a qualquer momento, ocasionando o aparecimento de ondas mais virulentas da pandemia atual ou se surgirem novas cepas de influenza pandêmica. Além de mudanças no volume de viagens, os governos também podem impor restrições legais às viagens e usar a triagem de saída e entrada (Eichner, Schwehm, Wilson & Baker, 2009). A OMS reconhece que as viagens que interfiram significativamente no tráfego internacional só podem ser justificadas no início de um surto, pois podem permitir que os países ganhem tempo, mesmo que por apenas alguns dias, para implementar rapidamente medidas eficazes de preparação (WHO, 2020a).

Vareiro e Pinheiro (2017) ponderam que, de modo geral, as crises têm uma influência significativa na condução das viagens. Segundo as autoras, 57,2% dos turistas modificam suas atividades turísticas quando estão diante de uma crise econômica, sendo razoável aceitar que tal comportamento também se manifeste por ocasião de uma crise de saúde pública.

Por outro lado, a literatura acadêmica efetivamente registra pesquisas que discutem a interação entre conjunturas de crise e o sistema financeiro, economia, energia, meio ambiente, alimentos, saúde, população e demografia, água e sua interdependência, o que também costuma ser visto sob a perspectiva da geopolítica. Entretanto, estudos que contemplem a junção entre as crises e os seus desdobramentos sobre o turismo geralmente são escassos (Hall, 2010).

Em direção semelhante, Faulkner (2001) argumenta que existe escassez de pesquisa sobre fenômenos de crise ou desastre, como é o caso das pandemias, no turismo e que isso ocorre tanto sobre os impactos de tais eventos nas esferas da indústria e das organizações específicas, como em relação às respostas do setor do turismo frente a esses momentos.

Considerando o contexto descrito, e partindo das lacunas encontradas sobre os estudos pandêmicos, o objetivo geral deste estudo, cujo início foi em março de 2020, consiste em descrever os impactos da pandemia da Covid-19 sobre a prática de turismo na perspectiva de turistas brasileiros que estavam viajando, ou pretendiam viajar, em período próximo à expansão da doença pelo mundo.

Especificamente se buscam: (i) Identificar os impactos da pandemia sobre as viagens que estavam sendo realizadas ou programadas; (ii) Descrever como os turistas brasileiros avaliam (ou como se caracterizam) as medidas e as políticas públicas para mitigação dos impactos da pandemia em relação ao turismo; e (iii) Identificar a

perspectiva dos respondentes em relação à prática do turismo e viagens no período posterior ao surto.

A estrutura deste trabalho contemplou, além desta nota introdutória, uma discussão acerca dos impactos havidos no setor do turismo, considerando o turista e as projeções do seu consumo após a pandemia, seguida da apresentação das estratégias metodológicas, na qual foi explicitada a trajetória da pesquisa, que deu sustentação aos resultados, apresentados e analisados nos blocos seguintes. Por fim, foram erigidas considerações finais, nas quais se avalia o atingimento dos objetivos e são apresentados limites da investigação, assim como o alcance das conclusões apontadas, como contribuição à comunidade acadêmica da área.

IMPACTOS NO SETOR TURÍSTICO: PROJEÇÕES DO NOVO TURISTA PÓS-PANDEMIA

No ano de 2019, o setor turístico ficou marcado pelas incertezas do *Brexit* e pela falência da Thomas Cook Group. Mesmo diante deste quadro, os dados iniciais da OMT revelaram que, no primeiro semestre de 2019, o crescimento, comparado ao mesmo período de 2018, foi de 4% (UNWTO, 2019), fazendo com que a OMT projetasse crescimento de 3% a 4% no balanço anual (UNWTO, 2020a), seguindo a taxa de crescimento de 5% do número de turistas internacionais (United Nations [UN], 2020).

Excluída de todas as projeções, a Covid-19 apontou novos rumos para o setor do turismo. Projetou-se inicialmente que a pandemia custará à economia global cerca de U\$ 2 trilhões (United Nations Conference on Trade and Development [UNCTAD], 2020a); as companhias aéreas apresentarão perdas de 42%; e nas redes hoteleiras, nos restaurantes e nas empresas de lazer, as perdas serão de 21% (UNCTAD, 2020b), refletindo na perda de renda dos trabalhadores em U\$ 3,4 trilhões em 2020, não contabilizando os desdobramentos futuros do vírus (International Labour Organization [ILO], 2020).

O impacto da Covid-19 é avassalador e imediato sobre o turismo global (Organisation for Economic Co-operation and Development [OECD], 2020a), as previsões do *World Economic Forum* [WEF] são que, após findar o período de pandemia, o setor do turismo levará mais de 300 dias para se recuperar (WEF, 2020); tal previsão é endossada pela OECD, visto que os fluxos turísticos permanecem restritos até junho de 2020 (OECD, 2020a), podendo ser prorrogados em alguns países por mais tempo.

Inicialmente, o *World Travel & Tourism Council* [WTTC], organização que representa o setor privado de viagens e turismo, previu que 50 milhões de empregos relacionados ao segmento estariam correndo riscos diante da pandemia, o que reduziria de 12% a 14% os postos de trabalho, o prejuízo econômico de 25% representaria um risco global para o setor (WTTC, 2020; OECD, 2020b).

As incertezas da OECD se iniciam devido ao desconhecimento, ao certo, da duração e da magnitude da Covid-19 nas economias mundiais. Consequentemente, o turismo é alocado, pela organização econômica, em um grupo de risco que pode ter declínio variando de 50% a 100% das atividades, pois “muitos países em que o turismo é relativamente importante podem ser afetados mais severamente por paralisações e



limitações em viagens" (OECD, 2020b, p. 3, tradução nossa). Para além da saúde pública, Everingham e Chassagne (2020) afirmam que a pandemia tem alto fator de impacto na economia global, sendo o turismo um dos setores mais fortemente impactados (UNWTO, 2020b, OECD, 2020a). O setor já sofreu neste início de milênio os impactos do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 e da crise econômica de 2008 (Stankov, Filimonau & Vujčić, 2020; Brouder, 2020).

Também neste milênio o turismo foi impactado em menor índice por conta do surto de outros vírus, como o SARS-CoV em 2002, o H1N1 em 2009, o MERS-CoV em 2012, o Ebola em 2014 e o vírus Zika no ano de 2015, o que, segundo Zenker e Kock (2020), revelam padrões para comparação com a pandemia da Covid-19.

Hajibaba, Gretzel, Leisch e Dolnicar (2015) mencionam que os turistas têm certa resistência em mudar seu comportamento de consumo, mantendo o hábito de viajar mesmo em períodos de crise. O episódio ocasionado pela Covid-19 é, segundo Higgins-Desbiolles (2020), uma nova oportunidade para se moldar comportamentos desejáveis nos turistas, visto que o setor turístico desejava há algum tempo um novo perfil de consumidores (Brouder, 2020).

Parte dessa mudança se dá pelas barreiras impostas, desta forma, o turismo de massa não se expandirá significativamente. A "esperança" de um novo turista pós-Covid-19 une Mostafanezhad (2020) e Everingham e Chassagne (2020), Pernecky (2020) e Crossley (2020). Para Brouder *et al.* (2020), este novo turista, possivelmente, expressará mais solidariedade, maior consciência sustentável, maior preocupação com o desenvolvimento local.

As necessidades de mudança do comportamento do turista e do "novo normal" é, para Mostafanezhad (2020), urgente, pois reestruturará a sociedade e o setor do turismo. Stankov *et al.* (2020) expõem que, ironicamente, a pandemia da Covid-19 fornece espaço e tempo (literalmente) para que os turistas reflitam no autoisolamento sobre suas práticas e seus comportamentos turísticos anteriores. Para Everingham e Chassagne (2020), esse momento fará o turismo ser repensado a partir do atual modelo do hiperconsumo.

Zenker e Kock (2020) acreditam que, após tais reflexões, haverá menor quantidade de viagens internacionais e maior fluxo nos destinos próximos às residências dos turistas, o que resultará na prevenção de destinos superlotados, sendo uma alternativa para o *overtourism*, que é reflexo do turismo de massa (Camargo, 2019).

Um comportamento de consumo mais consciente beneficiaria a indústria do turismo pós-pandemia (Stankov *et al.*, 2020), o que é vital para a recuperação econômica do setor (Everingham & Chassagne, 2020). Para tanto, Brouder (2020) aponta que é necessário ocorrer inovações institucionais por parte da oferta e também da demanda turística.

Diante do contexto aqui descrito, que se ocupou da projeção de cenários delineados por diferentes organizações internacionais e contribuições de teóricos e pesquisadores do turismo, foi proposta a realização de um *websurvey*, cujas estratégias de realização são apresentadas a seguir, com o intuito de projetar a situação vivida

pelos turistas brasileiros, considerando o período inicial da pandemia, e sua influência nas viagens atuais e futuras dos respondentes.

METODOLOGIA

Tendo em vista o isolamento social recomendado pela OMS durante a pesquisa que foi desenvolvida entre os meses de março e maio de 2020, foram adotados neste estudo mecanismos remotos, sendo que não houve contato presencial dos pesquisadores entre si ou com os sujeitos da pesquisa, o que determinou a consulta exclusiva de fontes que podem ser acessadas remotamente ou por meio do acervo pessoal dos pesquisadores, assim como a aplicação do instrumento de coleta de dados por via eletrônica (não presencial).

Desta forma, para se chegar aos resultados da pesquisa, foram necessários alguns procedimentos metodológicos com base nos objetivos anteriormente mencionados. Assim, o estudo consiste em uma pesquisa de natureza exploratória, com abordagem quantitativa e delineamento de *websurvey* direcionado aos turistas brasileiros impactados pela pandemia da Covid-19. A pesquisa também coletou notícias e relatórios emitidos por órgãos oficiais e foi ancorada em literatura técnico-científica que contemplou os seguintes aspectos: A Covid-19; O turismo e o perfil dos turistas frente a pandemia; O comportamento do consumidor turista. Observa-se que estudos correlacionando esses temas ainda são escassos, o que permitiu vislumbrar uma lacuna e oportunidade de investigação aos pesquisadores da área, com vistas ao aporte de novas contribuições à interpretação e ao tratamento acadêmico desse objeto de pesquisa, nomeadamente na seara do turismo.

Salienta-se que a interpretação dos resultados dispostos pelo *websurvey* se deu por meio da pesquisa exploratório-descritiva, que, segundo Veal (2011, p. 29), “procura descobrir, descrever ou mapear padrões de comportamento em áreas ou atividades que não foram previamente estudadas” e de ferramentas dispostas pela Estatística Descritiva, cujo objetivo consiste em “sintetizar uma série de valores de mesma natureza, permitindo dessa forma que se tenha uma visão global da variação desses valores, organiza e descreve os dados de três maneiras: por meio de tabelas, de gráficos e de medidas descritivas” (Guedes, Martins, Acorsi & Janeiro, 2019, p. 01).

Considerando as especificidades e as limitações impostas pela própria emergência sanitária, aliadas à necessidade de coletar informações acerca da conjuntura recente (ou mesmo do cenário momentâneo), optou-se pelo uso de páginas na internet e plataformas digitais por serem consideradas fontes naturais de informação à medida que, por terem origem em um determinado contexto econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse mesmo contexto (Godoy, 1995).

Para o cálculo da amostra deste estudo, foi adotada uma população de 104,4 milhões de turistas, que se refere ao total de passageiros pagantes transportados pelas companhias aéreas brasileiras em voos domésticos ou internacionais no ano de 2019 (Agência Nacional de Aviação Civil [ANAC], 2020). Embora seja presumível que um mesmo passageiro tenha sido transportado em mais de uma ocasião, não há como



precisar a quantidade de viajantes únicos, razão pela qual se optou por utilizar o número total de deslocamentos. Esse procedimento contribui para estabelecer o grau de confiabilidade e garantir a margem de erro admitida.

Veal (2011) afirma que o conceito de confiabilidade está no quanto as descobertas obtidas na pesquisa se repetiriam se uma idêntica fosse aplicada com outra amostra e em outro momento. Segundo os cálculos da empresa especializada em pesquisas Solvis (2020), a quantidade de respostas desejáveis, para que a pesquisa obtivesse grau de confiabilidade de 95% e margem de erro de 3%, era de 1070 respostas, no entanto o *websurvey* ultrapassou o número mínimo estipulado e obtiveram-se 1125 respostas válidas para turistas brasileiros. Dado o fato de que os impactos da Covid-19 nas viagens dos turistas brasileiros são diversos, adotou-se neste estudo uma pesquisa *websurvey*, que segundo Medaglia e Silveira (2010, p. 128) consiste em uma “enquete disponibilizada via internet que permite que os respondentes preencham os dados acessando diretamente o formulário e o enviem ao pesquisador para tabulação de forma facilitada”.

Segundo Joncew, Cendon e Ameno (2014, p. 194), nos “*websurveys*, os entrevistados respondem à investigação em formas, ambientes e tempos variados, com softwares e equipamentos diferentes que podem alterar significativamente o layout original do questionário”. O *websurvey* deste estudo foi direcionado a turistas que realizariam viagens no período pandêmico e para aqueles que haviam planejado alguma atividade turística para o ano de 2020. Como foco central do estudo, buscou-se por turistas que tiveram seus planos alterados ou cancelados devido à pandemia do novo coronavírus. O instrumento de coleta de dados continha 26 questões distribuídas em seis seções (conforme Quadro 1), com o intuito de melhor organizar os dados coletados. Foi criado na plataforma Google Forms e disponibilizado entre os dias 1º e 14 de abril de 2020.

Quadro 1: Divisão do instrumento de coleta de dados por seções e objetivos

Seção	Título	Objetivo
1	Apresentação e consentimento	Descrever a pesquisa e disponibilizar o termo de consentimento
2	Perfil dos respondentes	Coletar informações do turista, a fim de estabelecer um perfil demográfico
3	Respondentes não impactados: motivos e circunstâncias	Identificar os impactos da pandemia sobre as viagens que estavam sendo realizadas ou programadas
4	Impactos da Covid-19 nas viagens	
5	Interferências da Covid-19 no turismo	Descrever como os turistas brasileiros avaliam (ou como se caracterizam) as medidas e as políticas públicas para mitigação dos impactos da pandemia em relação ao turismo
6	O futuro do turismo pós-pandemia	Identificar a perspectiva dos respondentes em relação à prática do turismo e viagens no período posterior ao surto

Fonte: Os autores (2020).

Observa-se que as seções 3 e 4 abordam diretamente questões relacionadas ao primeiro objetivo da pesquisa. Em seguida, a seção 5 proporciona respostas relacionadas ao segundo objetivo do estudo, enquanto a sexta e última seção contempla as perspectivas dos respondentes em relação ao futuro das viagens e turismo após a pandemia e, desta forma, oferece dados para responder ao terceiro e último objetivo.

Considerando as estratégias de divulgação da pesquisa, salienta-se que, através desta escolha, há a possibilidade de vieses, uma vez que grupos etários mais jovens são mais presentes em ambientes virtuais (Faleiros, Käßpler, Pontes, Silva, Goes & Cucick, 2010) e que os respondentes possivelmente tenham, em maior grau, algum alinhamento comportamental associado a determinados grupos de usuários de redes sociais. Para Kozinets (2014), todos os respondentes formam uma rede sólida capaz de fornecer dados para esta pesquisa, pois se conectam em torno de algo em comum, neste caso, viagens e turismo.

RESULTADOS

Na primeira seção do *websurvey*, foram descritos os objetivos do estudo mencionados anteriormente, apresentando os proponentes da pesquisa e o termo de consentimento para utilização dos dados obtidos exclusivamente para fins acadêmicos. A coleta de dados deu-se após a anuência formal dos respondentes (por meio de *opt-in*) sendo, então, direcionados para uma segunda seção, na qual se buscou traçar um perfil dos turistas que responderam ao questionário.

Inicialmente, inquiriu-se a faixa etária em que os participantes se encaixavam, identificando-se que a maior quantidade de respondentes se enquadrava abaixo dos quarenta anos (69,78%, n=785), o que pode estar relacionado à estratégia de coleta de dados; 26,93% (n=303) afirmou possuir idade entre 40 e 59 anos; e 3,29% (n=37) possui mais de 60 anos, ou seja, são pertencentes ao grupo de risco para a Covid-19, conforme estabelecido pela OMS.

A participação feminina na pesquisa é de 69,51% (n=782); enquanto que a masculina representa 30,22% (n=340) dos respondentes; 0,18% (n=2) dos participantes assinalaram a opção outro e 0,09% (n=1) preferiu não responder. É perceptível que há uma maior participação das mulheres neste estudo, embora a porcentagem da população nacional feminina seja levemente superior à masculina, 51,1% contra 48,9% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020); possivelmente configura o fato registrado pelo *The Social Research Institute – Ipsos*, de que 83% das mulheres são quem tomam as decisões acerca das viagens (Accor, 2018).

Questionado o nível de escolaridade dos respondentes, constatou-se, conforme demonstra a Tabela 1, que: 5,16% (n=58) não possuíam ingresso no ensino superior; 52,00% (n=585) cursavam ou haviam concluído tal nível; parcela significativa dos participantes, 42,84% (n=482), afirmou ter alguma relação com a pós-graduação *stricto sensu*.

**Tabela 1:** Escolaridade dos respondentes do websurvey

Escolaridade	(n)	(%)	Escolaridade	(n)	(%)
Ens. Fundamental Incompleto/ Cursando	2	0,18%	Ens. Superior Completo	376	33,42%
Ens. Fundamental Completo	1	0,09%	Mestrado Incompleto/ Cursando	109	9,69%
Ens. Médio Incompleto/Cursando	9	0,80%	Mestrado Completo	137	12,18%
Ens. Médio Completo	46	4,09%	Doutorado Incompleto/ Cursando	90	8,00%
Ens. Superior Incompleto/ Cursando	209	18,58%	Doutorado Completo	146	12,98%

Fonte: Os autores (2020).

A alta escolaridade observada pode estar relacionada ao fato de que a divulgação do instrumento de coleta de dados foi capilarizada, entre outros, em grupos de redes sociais de estudantes e pesquisadores de graduação e pós-graduação.

O websurvey questionou as ocupações dos participantes. Nota-se, conforme a Tabela 2, que apenas 0,80% (n=9) não a especificou; assim, a baixa seleção da opção "outro" é residual, o que demonstra que as categorias de respostas foram amplas, ainda que pese o fato de que diversas atividades abarcadas nas alíneas "Funcionário de empresa privada" e "profissional liberal" podem englobar um grande leque de ocupações não específicas.

Tabela 2: Ocupação dos respondentes do websurvey

Ocupação	(n)	(%)	Ocupação	(n)	(%)
Servidor Público	305	27,11%	Desempregado	79	7,02%
Funcionário de empresa privada	249	22,13%	Empresário	61	5,42%
Estudante	244	21,69%	Profissional liberal	58	5,16%
Autônomo	94	8,36%	Aposentado	26	2,31%

Fonte: Os autores (2020).

Em sentido convergente, uma recente pesquisa organizada por Soares, Gabriel e Romo (2020a), denominada "*Impacto del Covid-19 en el Comportamiento del Turista Español*", demonstrou resultados semelhantes aos aqui descritos, na configuração de perfil dos respondentes.

No que tange ao local de domicílio dos respondentes, houve questionários retornados em 25 das 27 unidades federativas do país, o que demonstra a capilaridade da coleta de dados. Observa-se, no entanto, que o número de respostas não é proporcional à população total residente em cada unidade da federação. Residentes na Região Norte somam 3,64% (n=41); moradores da Região Centro-Oeste somam 6,22% (n=70); aquelas/es que residem na Região Nordeste são representados por 13,96% (n=157); enquanto que as maiores porcentagens abarcam as Regiões Sul e Sudeste, com 37,60% (n=423) e 38,58% (n=434), respectivamente.

Entre os grupos mais vulneráveis e suscetíveis, segundo a OMS, encontram-se os idosos e aqueles que possuem alguma doença preexistente (WHO, 2020c). Foi inquirido aos participantes da pesquisa se haviam sido diagnosticados com alguma doença crônica, dentre as exemplificadas (aids, câncer, diabetes, doença cardiovascular ou respiratória, hipertensão, entre outras), sendo que 17,60% (n=198) responderam afirmativo para a questão; 79,47% (n=894) disseram não ter doenças preexistentes; e 2,93% (n=33) afirmaram não saber.

Além desse questionamento, buscou-se identificar se os respondentes residiam com pessoas com idade superior a 60 anos, incluindo a si próprio, quando fosse o caso. 37,33% (n=420) apontam ser ou coabitar com algum idoso, os demais 62,67% (n=705) não se enquadram na afirmativa. Respondentes que confirmam algum diagnóstico de doença crônica e/ou coabitam com idosos somam 7,82% (n=88), ou seja, apresentam um quadro de maior risco para a Covid-19 segundo a OMS. Considerando o baixo percentual de respondentes que possuem algum fator de risco nos parâmetros definidos pela OMS, a intenção de mensurar se tais aspectos geraram impactos nas viagens pretendidas restou prejudicada.

Completando o rol de questões desta seção, perguntou-se aos respondentes se estes haviam sofrido impactos da Covid-19 em suas viagens, constatando-se que 14,67% (n=165) não citam interferências, 15,82% (n=178) apontaram no momento de participação na pesquisa que não haviam modificado seus planos de viagens, porém poderiam vir a ter em futuro próximo, o que se denominou no *websurvey* de "ainda não"; significativa maioria, composta por 69,51% (n=782), disse haver sofrido alguma restrição de viagem por conta da Covid-19.

A natureza da resposta a esta questão direcionava o participante para seções diferentes do *websurvey*. Aqueles que assinalaram ainda não ter ou definitivamente não ter tido seus planos de viagem alterados foram direcionados para uma terceira seção, enquanto que os afetados pela pandemia foram direcionados para uma quarta seção.

A terceira seção englobou 30,49% (n=343) dos participantes, camada composta pelos respondentes cujas viagens não foram ou ainda não haviam sido impactadas, conforme se vê na Tabela 3. Deste grupo, 68,51% (n=235) informaram que não possuíam nenhuma viagem programada; outros 29,45% (n=101) precisavam aguardar novas informações, pois suas viagens ainda não haviam sofrido alteração, possivelmente pela data prevista estar longínqua no momento de participação na pesquisa, porém com chances de sofrer interferências; e 2,04% (n=7) apontou ter realizado alguma viagem mesmo diante do quadro de pandemia.

Tabela 3: Motivo de não interferência da Covid-19 nas viagens

Em relação à(s) viagem(viagens), você:	(n)	(%)
Não tinha nenhuma viagem programada	235	68,51%
Viajou mesmo diante do quadro de pandemia	7	2,04%
Ainda não foi impactado	101	29,45%

Fonte: Os autores (2020).



A quarta seção traz as respostas de 69,51% (n=782) dos participantes que afirmaram ter sofrido alguma interferência em suas viagens por conta da Covid-19. Logo, esta seção contém dez questões que se referem exclusivamente aos fatores relacionados a viagens e turismo. Nesta seção, assim como na anterior, a porcentagem considerada completa (100%) foi obtida por meio do número de respondentes de cada seção.

Assim, foi solicitado aos participantes para classificar o nível de interferência do novo coronavírus em suas viagens, sendo que 0,26% (n=2) dos respondentes disse ser nulo; 3,45% (n=27) classificam como baixo; 10,61% (n=83) definem a interferência como intermediária; 23,15% (n=181) apontam que foi alto e 62,53% (n=489) classificam-na como muito alta. Observa-se que a soma das categorias “alto” e “muito alto” é superior a 85%.

Como meio de identificar qual a natureza da interferência, foi inquirido se a viagem havia sido cancelada, sendo que 33,50% (n=262) dos participantes responderam que não, 39,90% (n=312) dos respondentes se anteciparam ao quadro de pandemia e solicitaram o cancelamento, e os demais 26,60% (n=208) foram informados pela empresa contratada sobre o cancelamento. Pode-se observar que a soma dos cancelamentos é de 66,50% (n=520).

Como mostra o *websurvey*, dois terços das viagens foram canceladas e, entre estas, a maior parte por iniciativa dos turistas, o que pode sugerir que os operadores passaram a adotar práticas ativas apenas após a consolidação do quadro pandêmico.

Em movimento semelhante, como estratégia para minimizar os impactos deste momento atípico, o Ministério do Turismo lançou a campanha “Não cancele, remarque” (Brasil, 2020), sendo que as organizações de setor, a Associação Brasileiro de Agente de Viagens [ABAV] e a Brasileira das Operadoras de Turismo [BRAZTOA], endossaram a campanha sob o mote “Não cancele, adie” (Nedelciu, 2020).

Ao responderem a questão: “Por conta da pandemia, você adiou sua viagem?”: 45,40% (n=355) dos participantes afirmaram que sim, por iniciativa própria; 22,51% (n=176), a pedido da empresa; 33,50% (n=262) não tiveram a viagem adiada.

Os resultados desta questão sugerem que a campanha para não cancelar as viagens pode ser eficaz, como uma estratégia de mitigação dos grandes prejuízos acumulados pelo setor e para que, a médio ou longo prazo, ocorra um reaquecimento do turismo, visto que as pessoas retornarão à prática das atividades turísticas.

Os participantes que citaram ter sido prejudicados pelos impactos ocasionados por conta da pandemia, mas que não haviam feito contratações de empresas, e que tiveram suas viagens canceladas, somam 36,06% (n=282), logo, sem ônus. Neste grupo estão incluídos aqueles que estavam planejando viagens com automóvel próprio para segundas residências, para visitar amigos e/ou familiares e aqueles que ainda fariam contratações/aquisições.

Há previsões no Código de Defesa do Consumidor, Lei n. 8.078, 1990 (MTUR, 2020), acerca da Proteção Contratual, dentre as quais se cita a devolução monetária. Na Tabela 4, encontram-se as respostas sobre o questionamento acerca das alternativas adotadas pelas companhias aéreas, redes hoteleiras, prestadores de serviços, organizadores de eventos e outros setores, 38,62% (n=302) dos respondentes impactados afirmam ter

recebido um *voucher*, que poderia ser utilizado por um período pré-estipulado; para 17,01% (n=133), o reembolso parcial ou total foi a melhor alternativa; as demais opções somam 8,31% (n=65).

Tabela 4: Medidas compensatórias adotadas pelas empresas em face ao turista lesado

Medida adotada pelas empresas	(n)	(%)	Medida adotada pelas empresas	(n)	(%)
Não havia concretizado a compra, estava planejando a viagem	282	36,06%	Voucher para utilização do mesmo valor ou superior para período superior a 6 meses	216	27,62%
Reembolso integral ou superior ao valor pago	88	11,25%	Voucher para utilização do mesmo valor para período de até 6 meses	86	11,00%
Reembolso parcial do valor pago	45	5,75%	Não houve acordo entre as partes	13	1,66%
Cliente optou por cancelar a viagem	12	1,53%	Diversas opções de reembolso ou remarcação	8	1,02%
Não havia sido modificada até então	6	0,77%	Outras opções não listadas	26	3,32%

Fonte: Os autores (2020).

A Tabela 4 reflete a preocupação do mercado com a recuperação do setor associada à campanha já mencionada. Cabe ressaltar a publicação da Medida Provisória nº 925 (Brasil(2) , 2020), que “dispõe sobre medidas emergenciais para a aviação civil brasileira em razão da pandemia da COVID-19”, na qual se lê: “Art. 3º O prazo para o reembolso do valor relativo à compra de passagens aéreas será de doze meses, observadas as regras do serviço contratado”. O documento, com força legal, busca evitar um colapso financeiro por parte das companhias aéreas, o que, *a posteriori*, potencialmente prejudicaria ainda mais o consumidor.

A contratação de um seguro viagem é uma maneira de salvaguardar os turistas de eventualidades. Dado este período incerto, uma apólice mitigaria os prejuízos e os transtornos, a partir do que se perguntou aos respondentes se haviam feito a contratação de um seguro e se haviam interposto solicitações de indenizações previstas nessas coberturas. Inicialmente, averiguou-se que 62,79% (n=491) não haviam feito a contratação de seguro viagem; 33,12% (n=259) afirmaram que havia sido acionado – possivelmente pela informação dada acima de reembolso ou remarcação ter sido ofertado; acionaram a apólice 4,09% (n=32).

A partir dessas informações, pode-se inferir que há uma baixa cultura na contratação do seguro viagem entre os turistas brasileiros, prática que eventualmente pode ser alterada em decorrência da pandemia. Outro aspecto a se destacar é a baixa utilização (acionamento do recurso contratado), mesmo entre os que contrataram o serviço. Na mesma direção, Soares, Gabriel e Romo (2020b) corroboram tal tendência em um futuro pós-pandemia, ao apontarem que 77% dos participantes de uma pesquisa que inquiriu também turistas brasileiros possuem intenções de contratar seguro viagem, embora evidentemente não se possa afirmar que passarão a acioná-lo em caso de necessidade.



Quando questionados acerca de possíveis prejuízos financeiros, 30,95% (n=242) dos respondentes afirmaram acumular perdas financeiras, enquanto 41,43% (n=324) não padeceram de prejuízos, e 27,62% (n=216) não souberam afirmar com precisão ou só poderiam avaliar futuramente.

Na sequência, pediu-se aos participantes que informassem quais atividades ou setores seriam impactados com o adiamento ou o cancelamento da viagem, sendo que a questão permitia marcar mais de uma alternativa. 30,56% (n=239) apontaram que as viagens de negócios seriam afetadas; 38,62% (n=302) destacaram o setor de entretenimento; 40,92% (n= 320) apontaram impactos no setor de eventos; 64,45% (n=504) destacaram a hotelaria; e 62,79% (n=512) dos respondentes apontam impactos nos transportes.

Embora o adiamento ou o cancelamento, na perspectiva dos respondentes, venha causar maiores impactos nos transportes e na hotelaria, os percentuais são muito significativos em todos os ramos e atividades listados.

Sobre o destino para o qual o respondente iria viajar: 62,53% (n=489) disseram se tratar de um destino nacional e 29,67% (n=232) internacional; 7,80% (n=61) dos turistas afirmaram ter planos para destinos nacionais e internacionais. Acrescenta-se a isso que 81,20% (n=635) relataram haver casos confirmados da Covid-19 nos potenciais destinos, 5,75% (n=45) relataram não haver casos, enquanto 13,04% (n=102) disseram desconhecer tal afirmativa. Aqui é importante observar que, em que pese o fato de a OMS já ter declarado situação de pandemia à época da recolha dos questionários, muitas cidades turísticas ainda não haviam registrado casos, então, se se tomar "destino" na escala local (não nacional), o percentual de turistas que viajaram para lugares com ocorrência da doença é bastante alto.

Outro dado relevante é que cerca de 13% dos respondentes disseram não saber se havia ou não casos nos destinos que visitariam, o que sugere que a disseminação seria vertiginosa, já que apenas alguns dias após já se constata ser improvável que alguém não receba esse tipo de informação ao chegar em qualquer aeroporto, estações de trem, ônibus e mesmo ao trafegar por rodovias. Soares *et al.* (2020b) abordam o aumento de certas preocupações do turista brasileiro frente ao destino escolhido. Dentre as preocupações estão as políticas de segurança adotadas, as medidas relacionadas ao controle de doenças e, obviamente, o aumento do interesse por conhecer o sistema sanitário do destino.

A quinta seção do *websurvey* objetivava destacar as interferências da doença no turismo. Desta forma, quando feita a indagação "A pandemia causada pelo novo coronavírus alterou seus planos de viagens futuras?", 14,84% (n=167) dos participantes responderam negativamente; 85,16% (n=820) responderam que sim, por um período compreendido de 6 meses, chegando a ser superior a um ano, o que leva a crer que os impactos aparentemente ainda serão sentidos em um significativo período de tempo.

Para projetar uma estimativa temporal, relacionando a confiança do turista em voltar a viajar, foi inquirido a partir de dois momentos, conforme se nota na Tabela 5, a primeira referente aos meses de abril a agosto, e noutra de setembro a dezembro de 2020.

Tabela 5: Pretensão de viagem para o ano de 2020

	De abril a agosto/2020	De setembro a dezembro/2020
Não viajaria para nenhum destino	81,42%	38,22%
Viajaria para um destino com poucos casos confirmados de Covid-19	12,44%	43,56%
Viajaria para qualquer destino, com ou sem casos de mortes por Covid-19	6,13%	18,22%
Total	100%	100%

Fonte: Os autores (2020).

Dadas as recomendações de isolamento social e a incerteza da duração do quadro pandêmico, 81,42% (n=916) dos respondentes afirmaram que não viajarão a lugar algum até o mês de agosto de 2020, percentual que tem queda considerável após este período. O período que apresenta retorno mais efetivo às viagens situa-se naquelas cujas ocorrências estão previstas para após o mês de setembro de 2020. Pode-se afirmar que o impacto na decisão de viagem a curto prazo é avassalador e mesmo a médio prazo é bastante significativo.

A OMS, os veículos midiáticos, os médicos especialistas, entre outras autoridades, solicitaram veementemente que a população aderisse ao isolamento social como meio de evitar a circulação do vírus, 12,62% (n=142) dos participantes do *websurvey* relataram ter viajado para outro local que não sua residência habitual; 83,38% (n=938) disseram estar em isolamento social onde estão domiciliados, aqueles que não se isolaram socialmente somam 4,00% (n=45).

Mesmo com um percentual aparentemente baixo de pessoas que se deslocaram para o isolamento em locais diferentes do domicílio habitual, o contingente acaba sendo muito grande em locais marcados por segundas residências turísticas. Isso explica ações bastante contundentes adotadas por municípios litorâneos, especialmente nos estados de São Paulo e Paraná, para reduzir a entrada de não domiciliados durante a pandemia.

Para ilustrar, observa-se, no Decreto nº 64.881 (São Paulo, 2020), expedido pelo Governo do Estado de São Paulo, amparo aos bloqueios estratégicos nos acessos da região litorânea. Já o Decreto nº 4.310 (Casa Civil do Paraná, 2020), expedido pelo Governo do Estado do Paraná, foi bastante enfático ao suspender a visitação, os embarques e os desembarques na Ilha do Mel, um dos destinos mais visitados do estado, decretando inclusive o "retorno de turistas e demais visitantes da Ilha do Mel aos respectivos locais de origem".

Seguindo as projeções econômicas, segundo as quais a recessão é dada como certa, 29,96% (n=337) dos participantes afirmaram que reduziriam ou extinguiriam suas viagens, outros 44,53% (n=501) somente as realizariam se extremamente necessárias; para 19,38% (n=218), a prática se manterá inalterada; 6,13% (n=69) informaram não terem elaborado planos de viagens para o período pós-pandemia mesmo antes do quadro.



Este resultado revela que não é apenas o receio de ficar doente que afeta a decisão de viajar, mas também o fato de que os próprios respondentes terão uma provável redução de renda e disponibilidade financeira para o turismo, atividade que pode ser considerada supérflua diante de um cenário econômico adverso ao próprio respondente.

Para identificar como os turistas brasileiros avaliam (ou como se caracterizam) as medidas e as políticas públicas adotadas por diferentes governos para mitigação dos impactos da pandemia em relação ao turismo, e para analisar a percepção que os turistas têm dos impactos da pandemia sobre o setor, elaboraram-se as Tabelas 6 e 7, que utilizam uma estratégia de notação média para as afirmações categóricas propostas no *websurvey*.

A estratégia de designar uma nota média para cada questionamento visa ofertar uma avaliação e percepção mais sintética e proporcionar a compreensão visualmente instantânea acerca do comportamento dos respondentes para cada uma das questões escalares inseridas no formulário de coleta de dados, tal procedimento é alicerçado na teoria de Norman (2010).

O procedimento adotado foi: as respostas foram marcadas em uma escala de 1 a 5 pontos, com as seguintes correspondências: 1 = discordo totalmente/nenhuma; 2 = discordo em maior grau/baixa; 3 = indiferente/intermediário; 4 = concordo em maior grau/alto e 5 = concordo totalmente/muito alto. A dimensão sintética deste estudo limita a possibilidade da apresentação dos dados escalares de forma discriminada, razão pela qual se optou por condensar o grande volume de informações por meio de notação média para cada quesito.

Os procedimentos para se obter a notação foram multiplicar o valor absoluto atribuído a cada ponto da escala pelo número de respondentes do item da questão e, posteriormente, procedeu-se à soma dos valores de cada ponto da escala, seguida pela divisão do total de participantes, resultando na notação. As opções que apresentavam maior valor denotavam maior expressividade no aspecto a que se referiam.

As Tabelas 6 e 7 apresentam a porcentagem de respondentes por escala em cada questão e a notação respectiva. Ou seja, na Tabela 6, a questão “Os eventos com aglomerações de público devem ser cancelados” evidencia que 84,9% (n=955) concordam totalmente com a afirmação, isso significa que, para a mesma questão, a notação média é de 4,72, pois se encontra entre uma concordância de maior grau – que seria equivalente a 4 – e uma plena concordância – que seria o equivalente a 5.

Tabela 6: Percepção das medidas governamentais adotadas relacionada à Covid-19 e ao turismo

	Discordo totalmente (x1)	Discordo em maior grau (x2)	Indiferente (x3)	Concordo em maior grau (x4)	Concordo totalmente (x5)	Notação
Os eventos com aglomerações de público devem ser cancelados.	1,9%	2,5%	2,3%	8,4%	84,9%	4,72
No caso desta pandemia, é recomendado evitar visitar países com grande quantidade de casos.	3,6%	2,4%	2,0%	8,8%	83,2%	4,66
As pessoas que visitaram locais com casos de Covid-19 devem ficar em quarentena.	1,9%	2,3%	2,8%	16,8%	76,3%	4,63
O governo deve fechar as fronteiras e impedir turistas de chegar ao país.	4,9%	7,9%	6,8%	24,3%	56,2%	4,19
O governo deve restringir os deslocamentos das pessoas (direitos de ir e vir).	4,9%	10,3%	7,5%	27,4%	50,0%	4,10
Bares, lanchonetes e restaurantes devem ficar impedidos de abrir ao público na pandemia.	5,9%	6,8%	5,4%	35,0%	46,8%	4,07
As empresas aéreas devem deixar de operar para alguns destinos.	6,1%	9,8%	9,8%	28,9%	45,4%	3,98
As empresas rodoviárias devem reduzir a quantidade de ônibus.	7,8%	8,9%	9,9%	32,4%	41,0%	3,90
Os hotéis e as pousadas devem ficar impedidos de receber novos hóspedes.	6,6%	11,9%	13,9%	33,0%	34,7%	3,77

Fonte: Os autores (2020).

É perceptível, na Tabela 6, por meio das notações designadas, que os respondentes concordam em maior grau ou totalmente com as medidas adotadas por alguns governos e apresentadas no websurvey, dois terços das medidas obtiveram notação superior a 4,00, designando alta concordância. Já a Tabela 8 apresenta em ordem de notação decrescente os setores do turismo que seriam mais afetados/ impactados pela pandemia da Covid-19 na percepção dos respondentes. A escolha de inserir o item escalar "outros" ao final da tabela, com notação de 4,05, se dá pela generalização ampla em que o mesmo representa.

**Tabela 7:** Percepção de impactos da Covid-19 nos setores e nas atividades turísticas

	Nenhuma (x1)	Baixa (x2)	Médio (x3)	Alta (x4)	Muito Alta (x5)	Notação
Guias de turismo	0,4%	0,9%	3,0%	23,5%	72,2%	4,66
Cruzeiros	0,4%	1,2%	6,8%	21,5%	70,1%	4,60
Hotelaria (pousadas, hostels, resorts)	0,4%	0,9%	4,5%	30,1%	64,1%	4,57
Eventos (esportivos, culturais, de negócios, etc.)	0,4%	1,6%	8,0%	28,4%	61,6%	4,49
Feiras e mercados públicos de interesse turístico	0,4%	1,2%	9,2%	30,1%	59,1%	4,46
Transporte aéreo	0,6%	1,6%	9,4%	32,7%	55,6%	4,41
Museus e casas de cultura	0,5%	2,6%	9,3%	31,0%	56,5%	4,40
Bares e restaurantes	0,3%	1,2%	10,4%	34,4%	53,8%	4,40
Outros atrativos turísticos	0,6%	1,9%	9,3%	33,1%	55,1%	4,40
Locação de imóveis em áreas turísticas	0,4%	1,4%	9,4%	35,5%	53,2%	4,40
Comércio de produtos típicos ou regionais	0,4%	1,4%	9,6%	36,2%	52,4%	4,39
Artesãos	0,8%	3,9%	13,2%	31,2%	50,9%	4,28
Transporte rodoviário	0,7%	2,0%	14,4%	37,1%	45,9%	4,25
Parques naturais	2,5%	4,8%	19,6%	35,1%	38,0%	4,01
Serviços de manutenção em segundas residências	2,0%	9,4%	30,2%	33,4%	24,9%	3,70
Outros	3,6%	3,8%	19,1%	31,3%	42,2%	4,05

Fonte: Os autores (2020).

A Tabela 7 mostra que, na perspectiva dos respondentes, os guias de turismo são os profissionais que mais fortemente sofrerão devido à pandemia, reflexo da falta de turistas nos atrativos; em sequência percebem que as companhias de cruzeiro absorverão maiores impactos negativos do que as redes hoteleiras. Essa percepção pode ser derivada de que muitos casos de Covid-19 foram diagnosticados em navios e amplamente veiculados na mídia em razão da impossibilidade de atracação em alguns portos. Os respondentes percebem que os serviços de manutenção em segundas residências serão comparativamente menos afetados em relação aos demais, uma vez que esses imóveis também carecem de cuidados em período não pandêmico, sendo afetadas apenas sua utilização ou locação a terceiros.

Parece relevante destacar que todos os setores elencados alcançaram expressivas notações, o que evidencia que o alto impacto previsto pelos respondentes da pesquisa afetará as mais diferentes áreas de atividade. Assim, a estratégia de ordenamento decrescente serviu ao propósito de captar nuances de intensidade na extensão dos impactos da pandemia.

A última seção do instrumento de coleta de dados possuía o intuito de identificar a percepção dos respondentes em um futuro pós-pandemia, refletindo sobre a perspectiva dos mesmos sobre as viagens e, considerando a natureza sintética deste texto, optou-se por contemplar esses aspectos em futuras novas comunicações à comunidade científica, nas quais será possível cotejar a confirmação ou não dos impactos previstos na ocasião deste levantamento, uma vez que se entende que o turismo tem condições de se remodelar de acordo com as tendências propostas pela sociedade e pelas influências econômicas, havendo então a necessidade de “constantes transformações e adaptações dos modelos de negócios e dos processos organizacionais de gestão” (Vareiro & Pinheiro, 2017, p. 237).

CONSIDERAÇÕES

Os estudos referentes aos impactos das epidemias sobre diversos aspectos sociais, econômicos, de saúde pública são relativamente frequentes e abundantes. No turismo, esses estudos são realizados quase exclusivamente quando em curso ou imediatamente após uma pandemia. Apesar dos surtos virais serem sazonais e quase sempre virem sem um aviso prévio da sua dimensão, em escala local ou mundial, é desejável que organismos públicos e privados relacionados ao setor tenham planejamentos prévios para redução de danos.

Há um alto grau de incerteza entre a comunidade científica acerca de quando ou onde irá surgir uma nova cepa viral, ou qual será seu alcance, sua intensidade dos impactos sobre diferentes setores e dimensões da vida humana. Dentre estes setores, inclui-se o turismo; nesse sentido, conforme ensina Bahl (2004, p. 19-20), “o turismo pode atuar como agente disseminador de doenças e enfermidades, através das viagens e fluxos nacionais e internacionais”.

No entanto, as pandemias ocorridas no passado e, em especial, essa que se enfrenta no transcurso da elaboração deste estudo, podem fornecer subsídios para a estruturação de medidas de mitigação dos impactos, com vistas a orientar políticas públicas ou privadas e iniciativas de suporte às comunidades, às empresas e às pessoas atingidas, nomeadamente ligadas ao setor, vez que as consequências podem ser catastróficas e determinantes para o avanço ou para a estagnação de um serviço ou até mesmo de um destino. Em exame preliminar do quadro situacional, percebem-se distintas formas de reação de cada serviço turístico frente à crise causada pelo vírus, isso se deve não só à falta de planos de contingência para essas situações, como também à singularidade de cada tipo de serviço. O turismo foi e ainda é um grande vetor para a disseminação de um vírus, razão pela qual se torna imperativo não só pensar no que pode ocorrer e quais ações paliativas tomar, mas também, e principalmente, estabelecer ações de profilaxia e prevenção para que não ocorra.

A proposição de identificar os impactos da pandemia sobre as viagens que estavam sendo realizadas ou programadas, manifesta no primeiro objetivo deste estudo, restou alcançada, na medida em que se demonstraram alterações significativas no desenvolvimento, no programa ou no planejamento de viagens e atividades turísticas dos respondentes, com destaque para alternativas como retorno antecipado, restituição



de valores ou remarcação.

No que tange ao segundo objetivo, que consistia em descrever como os turistas brasileiros avaliam (ou como se caracterizam) as medidas e as políticas públicas para mitigação dos impactos da pandemia em relação ao turismo, buscou-se elencar tanto as estratégias de enfrentamento adotadas por diferentes instâncias governamentais e supragovernamentais, como mensurar a perspectiva dos entrevistados acerca do alcance e da efetividade de tais ações.

A consecução do terceiro objetivo, que se propôs identificar a perspectiva dos respondentes em relação à prática do turismo e das viagens no período posterior ao surto, ficou limitada aqui a uma reflexão acerca da avaliação dos planos e das expectativas dos sujeitos da pesquisa, o que revelou que, embora o impacto imediato nos planos seja avassalador, há também uma tendência (talvez ainda no âmbito da idealização subjetiva) do retorno às práticas anteriores no longo prazo – o que pode significar aproximadamente um ano –, quando aparentemente os respondentes consideram seguro voltar a viajar, ainda que não haja, no momento em que se realiza este estudo, notícia efetiva acerca de vacina ou tratamento eficaz para a doença causada pelo novo coronavírus.

A condição atípica da realização deste trabalho implicou em desafios adicionais às rotinas de investigação e, conseqüentemente, alguns limites aos seus resultados, tais como o acesso à literatura, que se restringiu a obras do acervo dos próprios pesquisadores ou que estavam disponíveis em bases eletrônicas e digitais acessíveis de forma remota.

Note-se que não se pretendeu traçar aqui exercícios de futurologia, mas sondar a perspectiva dos respondentes, como forma de cristalizar impactos imediatos acerca da relação dos mesmos com as viagens e o turismo. Destaca-se, no entanto, que essa relação é naturalmente dinâmica e a avaliação pode ser comprometida pela carga emocional e pelo próprio estresse informacional, conquanto a pandemia tenha ocupado as pautas jornalísticas e as discussões em redes e grupos sociais de forma quase exclusiva à época da recolha dos questionários. Assim, entende-se que os objetivos propostos foram alcançados e que a mensuração do quadro no momento em que o fenômeno é mais pungente consiste em contributo relevante à comunidade científica, ao tempo em que se assinala também a pertinência da realização de novos estudos, para avaliar o grau de consolidação dos impactos aqui apontados no futuro e para estabelecer possíveis comparações entre o que se afirmava no curso da experiência vivenciada e o que se efetivou *a posteriori*.

Em que pese o fato de os registros históricos revelarem tempos nebulosos nos períodos que sucederam grandes epidemias, a experiência de enfrentamento global de um evento dessa natureza parece paradoxalmente despertar em parcela das pessoas a perspectiva de um futuro mais harmônico e solidário. Então, que nesta oportunidade a História não se repita como profecia e que muito em breve o turismo possa voltar a ser vetor de desenvolvimento e aproximação entre seres humanos e culturas.

REFERÊNCIAS

- Accor (2018). *Planning & Organizing: women's expertise in the art of travel*. Recuperado em 18 de abril, 2020, de <https://press.accor.com/planning-organizing-womens-expertise-in-the-art-of-travel>.
- Agência Nacional de Aviação Civil (2020). *Relatório Demanda e Oferta do Transporte Aéreo*. Recuperado em 29 de março, 2020 de <https://www.anac.gov.br/assuntos/setor-regulado/empresas/envio-de-informacoes/DemandaeOferta.csv>.
- Bahl, M. (2004). Pandemias e turismo. In: Bahl, M. *Fatores ponderáveis no turismo: sociais, culturais e políticos*. Curitiba: Prottexto, 17-20.
- MTUR - Ministério do Turismo. (2020). *Não cancele, REMARQUE*. Recuperado em 20 de abril, 2020, de <http://www.turismo.gov.br/nao-cancele-remarque>.
- Brouder, P. (2020). Reset redux: possible evolutionary pathways towards the transformation of tourism in a COVID-19 world, *Tourism Geographies*, 22(3), 484-490.
- Brouder, P., Teoh, S., Salazar, N. B., Mostafanezhad, M., Mei Pung, J., Lapointe, D., Clausen H. B. (2020). Reflections and discussions: tourism matters in the new normal post COVID-19, *Tourism Geographies*, 22(3), 735-746.
- Camargo, L. O. L. (2019). Hospitalidade, turismo e lazer. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 13(3), 1-15.
- Crossley, É. (2020). Ecological grief generates desire for environmental healing in tourism after COVID-19, *Tourism Geographies*, 22(3), 536-546.
- Câmara dos Deputados. (2020). *Decreto n. 6, de 20 de março de 2020. Decreta estado de emergência nacional devido ao impacto da pandemia do COVID-19 (Coronavírus)*. Recuperado de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2020/decretolegislativo-6-20-marco-2020-789861-norma-pl.html>.
- Casa Civil Paraná. (2020). *Decreto n. 4.310, de 20 de março de 2020. Altera o Decreto nº 4.230, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus – COVID-19*. Recuperado de <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/entradaSite.do?action=iniciarProcesso>.
- São Paulo. (2020). *Decreto n. 64.881, de 22 de março de 2020. Decreta quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia do COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências complementares*. Recuperado de <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20200323&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=1>.
- Eichner, M., Schwehm M., Wilson, N., & Baker, M. G. (2009). Small islands and pandemic influenza: Potential benefits and limitations of travel volume reduction as a border control measure. *BMC Infectious Diseases*, 9(160), 1-5.
- Everingham, P., & Chassagne, N. (2020). Post COVID-19 ecological and social reset: moving away from capitalist growth models towards tourism as Buen Vivir, *Tourism Geographies*, 22(3), 555-566.
- Faulkner, B. (2001). Towards a framework for tourism disaster management. *Tourism Management*, 22, 135-147.



- Faleiros, F., Käpper, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Goes, F. S. N., & Cucick, C. D. (2016). Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. *Texto & Contexto Enfermagem*, 25(4), 2-6.
- Fundação Oswaldo Cruz (2020). *Coronavírus: Perguntas e respostas*. Recuperado em 24 de abril, 2020, de <https://portal.fiocruz.br/coronavirus/perguntas-e-respostas>.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.
- Guedes, D. T. A, Martins, M. B. A, Acorsi, M. C. R. L., & Janeiro, M. V. (2005). *Estatística descritiva. Projeto de Ensino: Aprender Fazendo Estatística*. Recuperado em 25 de abril, 2020, de http://www.uspleste.usp.br/rvicente/Estatistica_Descritiva.pdf.
- Hajibaba, H., Gretzel, U., Leisch, F. & Dolnicar, S. (2015). Crisis-resistant tourists. *Annals of Tourism Research*, 53, 46-60.
- Hall, M. C. (2010). Crisis events in tourism: subjects of crisis in tourism. *Current Issues in Tourism*, 13(5), 401-417.
- Higgins-Desbiolles, F. (2020). Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19, *Tourism Geographies*, 22(3), 610-623.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *Projeções da população por sexo e idades - atualizado em 06/04/2020*. Recuperado em 18 de abril, 2020, de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>.
- International Labour Organization (2020). *COVID-19 and the world of work: Impact and policy responses*. Recuperado em 28 de março, 2020, de <https://www.ilo.org/global/topics/coronavirus>.
- Joncow, C. C., Cendon, B. V., & Ameno, N. (2014). Websurveys como método de pesquisa. *Informação & Informação*, 19(3), 192 - 218.
- Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre, Brasil: Penso.
- Brasil. (2020). *Lei n. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8078.htm.
- Medaglia, J., & Silveira, C. E. (2010). Reflexões sobre a atuação profissional dos turismólogos e o planejamento do turismo: pesquisa com os egressos dos Cursos de Turismo de Curitiba, Paraná, Brasil. *Turismo & Sociedade*, 3(2), 123-146.
- Brasil (2). (2020). *Medida Provisória n. 925, de 18 de março de 2020. Dispõe sobre medidas emergenciais para a aviação civil brasileira em razão da pandemia da covid-19*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Mpv/mpv925.htm.
- Mostafanezhad, M. (2020). Covid-19 is an unnatural disaster: Hope in revelatory moments of crisis, *Tourism Geographies*, 22(3), 639-645.
- Nedelciu, R. H. (2020). *Uma só voz: "Não cancele, adie"*. Recuperado em 19 de abril, 2020, de <https://blog.panrotas.com.br/espaco-braztoa/2020/03/25/>.
- Norman, G. (2010). Likert scales, levels of measurement and the "laws" of statistics. *Adv in Health Sci Educ*, 15(5), 625-632.

- Organisation for Economic Co-operation and Development (2020a). *Covid-19: Tourism Policy Responses*. Recuperado em 27 de março, 2020, de https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=124_124984-7uf8nm95se&Title=Covid-19:%20Tourism%20Policy%20Responses.
- Organisation for Economic Co-operation and Development (2020b). *Evaluating the initial impact of COVID-19 containment measures on activity*. Recuperado em 27 de março, 2020, de <http://www.oecd.org/coronavirus/en/>.
- Pernecky, T. (2020). Critical tourism scholars: brokers of hope, *Tourism Geographies*, 22(3), 657-666.
- Ruan, L., Wen, M., Zeng, Q., Chen, C., Huang, S., Yang, S., ZhuGe, Q. (2020). New measures for COVID-19 response: a lesson from the Wenzhou experience. *Clinical Infectious Diseases*, 1-11.
- Saunders-Hastings, P. R., & Knewski, D. (2016). Reviewing the History of Pandemic Influenza: Understanding Patterns of Emergence and Transmission. *Pathogens*, 5(66), 1-19.
- Sausmarez, N. (2007). Crisis Management, Tourism and Sustainability: The Role of Indicators. *Journal of Sustainable Tourism*, 15(6), 700-714.
- Stankov, U., Filimonau, V., & Vujičić, M. D. (2020). A mindful shift: an opportunity for mindfulness-driven tourism in a post-pandemic world, *Tourism Geographies*, 22(3), 703-712.
- Soares, J. R. R., Gabriel, L. P. M. C., & Romo, R. S. (2020a). *Impacto del COVID-19 en el comportamiento del turista español* [recurso eletrônico]. Fortaleza: EdUECE.
- Soares, J. R. R., Gabriel, L. P. M. C., & Romo, R. S. (2020b). *Impacto do COVID-19 no comportamento do turista brasileiro* [recurso eletrônico]. Fortaleza: EdUECE.
- Solvis (2020). *Cálculos de Amostragem: tamanho da Amostra e Margem de Erro*. Recuperado em 01 de abril, 2020, de <https://www.solvis.com.br/calculos-de-amostragem/>.
- United Nations Conference on Trade and Development (2020a). *#Tourism – A life line in free fall*. Recuperado em 28 de março, 2020, de <https://unctad.org/en/pages/newsdetails.aspx?OriginalVersionID=2312>.
- United Nations Conference on Trade and Development (2020b). *Impact of the Coronavirus Outbreak on Global FDI*. Recuperado em 28 de março, 2020, de https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/diaeinf2020d2_en.pdf?user=1653.
- United Nations (2020). *World Economic Situation and Prospects 2020*. New York: United Nations publication.
- World Tourism Organization (2010). *Toward a Safer World: The Travel, Tourism and Aviation Sector*. Recuperado em 25 de outubro, 2019 de <http://towardsasaferworld.org/sites/default/files/TASWreportontravelsector.pdf>
- World Tourism Organization (2020b). *UNWTO Convenes Global Tourism Crisis Committee*. Recuperado em 27 de março, 2020, de <https://unwto.org/unwto-convenes-global-tourism-crisis-committee>.
- World Tourism Organization (2019). *World Tourism Barometer (English version) 17(3)*. Recuperado em 27 de março, 2020, de <https://www.e-unwto.org/toc/wtobarometereng/17/3>.
- World Tourism Organization (2020a). *World Tourism Barometer (English version) 18(1)*. Recuperado em 27 de março, 2020, de <https://www.e-unwto.org/toc/wtobarometereng/18/1>.



- Vareiro, L. M. C., & Pinheiro, T. C. S. (2017). A influência da crise na escolha pelo consumidor entre agências de viagens ou operadores on-line. *Revista Turismo Visão e Ação*, 19(2), 220-243.
- Veal, A. J. (2011). *Metodologia da Pesquisa em Lazer e Turismo*. São Paulo: Aleph.
- Verdinelli, M. E. P. (2002). A problemática da mudança global no turismo. *Revista Turismo Visão e Ação*, 4(10), 09-26.
- World Economic Forum (2020). *This is how coronavirus could affect the travel and tourism industry*. Recuperado em 27 de março, 2020, de <https://www.weforum.org/agenda/2020/03/world-travel-coronavirus-covid19-jobs-pandemic-tourism-aviation>.
- World Travel & Tourism Council (2020). *Coronavirus puts up to 50 million Travel and Tourism jobs at risk says WTTC*. Recuperado em 27 de março, 2020, de <https://www.wttc.org/about/media-centre/press-releases/press-releases/2020/coronavirus-puts-up-to-50-million-travel-and-tourism-jobs-at-risk-says-wttc/>.
- World Health Organization (2020a). *Updated WHO recommendations for international traffic in relation to COVID-19 outbreak*. Recuperado em 28 de março, 2020, de <https://www.who.int/news-room/articles-detail/updated-who-recommendations-for-international-traffic-in-relation-to-covid-19-outbreak>.
- World Health Organization (2020b). *WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020*. Recuperado em 28 de março, 2020, de <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>.
- World Health Organization (2020c). *Q&A on coronaviruses (COVID-19)*. Recuperado em 24 de abril, 2020, de <https://www.who.int/news-room/q-a-detail/q-a-coronaviruses>.
- Zenker, S., & Kock, F. (2020). The coronavirus pandemic – A critical discussion of a tourism research agenda. *Tourism Management*, 81, 1-4.

Contribuição de cada autor na construção do artigo

Christopher Smith Bignardi Neves: Concepção; Curadoria de dados; Análise formal; Investigação; Administração do projeto; Redação - rascunho original, revisão e edição.

Isabele de Souza Carvalho: Concepção; Pesquisa e construção da revisão bibliográfica da introdução; contribuições frente à revisão do artigo; fornecimento de materiais de estudo.

Wellyngton Fernando Leonel de Souza: Divulgação do websurvey; Curadoria de dados; Análise formal; Redação - rascunho original; Redação e revisão metodológica; fornecimento de materiais de estudo.

Marcos Luiz Filippim: Redação - revisão e edição; Conceptualização - Ideias; formulação ou evolução de objetivos e metas abrangentes de pesquisa; Metodologia - Desenvolvimento ou desenho de metodologia; criação de modelos.